

Empresários têm dúvidas

por Cristina Lemos
do Rio

As numerosas e intermináveis reuniões dos empresários, ontem, no Rio de Janeiro, refletem que a indústria ainda não teve tempo suficiente para avaliar o impacto das recentes decisões do governo. Antônio Carrera, vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica, disse que a economia brasileira está parecida com o "samba do crioulo doido" e é preciso tempo para saber o que foi decidido pelo governo principalmente, se houve ou não a centralização total do câmbio.

As multinacionais, as primeiras afetadas com a centralização da remessa de lucros e dividendos, também pedem maior prazo para analisar o efeito desta medida. A IBM do Brasil e a Unisys (empresa criada a partir da associação da Burroughs com a Sperry), as duas maiores multinacionais da indústria de informática, ontem, ainda não tinham nenhuma posição oficial sobre o assunto.

messa de lucro e dividendos deverá causar fortes reações das multinacionais do setor de informática, por causa da reserva de mercado, o mesmo não ocorre com a indústria farmacêutica. "Essas empresas há muito tempo não remetem nada para o exterior, porque não têm lucro, em função da grande defasagem de preços dos medicamentos", explicou Carlos Fernando Gross, presidente do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos do Rio de Janeiro. Otto Meile, presidente do Laboratório Roche, de origem suíça, confirmou essa declaração, informando que durante 1986 não remeteu lucros.

Caso haja a centralização total do câmbio, como forma de aumentar o controle das importações, muitas indústrias poderão fechar, principalmente no setor eletroeletrônico. A previsão de Carrera diante do quadro, hoje, enfrentado pelas empresas com a retenção de guias de importação pela Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex). "A indústria está asfíxiada, e

com equipamentos quase prontos na linha de montagem dependendo de partes e peças importadas", disse.

Apesar dessa avaliação, Carrera não acredita que o governo controle ainda mais as importações. Mesmo opinião tem Fernando Gross. "O governo está sensibilizado para o problema e sabe que a indústria não pode ficar desabastecida", comentou. O diretor da Carbonatos do Nordeste, Néelson Brasil de Oliveira, também não está preocupado com a centralização do câmbio, porque a maioria das matérias-primas utilizadas pela empresa é adquirida no mercado interno, com exceção do enxofre, produto indispensável na indústria de fertilizantes.

A possibilidade de retaliações, pelo não pagamento dos juros da dívida externa, não chega a ameaçar a indústria eletroeletrônica, que poderá recorrer a mercados alternativos. "O brasileiro deve utilizar a sua arte na busca de novos mercados fornecedores de insumos e matérias-primas", observou Carre-